

entrevistas
e
contos

L - O trabalho daqui é horrível. É um trabalho assim pra a gente criar desse, 9 filhas, a gente trabalha muito e o pior da gente é qui ^{não} tem terra. Gente consegue inda comprar um pedacinho de terra, mas dificuldade qui si num pode comprar por falta do dinheiro.

L - Dois anos qui a gente teve safra e aí pra cá ninguém teve mais safra. E nem tem semente pra plantar esse ano e ninguém sabe como vai fazer. A gente tá tentando, e parti de agora, é fazer coleta, coisa qui a gente bota dinheiro na mão malheiro pra vê se consegue comprar um saco de semente... semente pra plantar, pra quando for o tempo dividir com as... pelo pessoal que contribuir.

Is - As coisa sempre vem chegando aos pequinho, que eu mesmo como mãe de família de 9 filhas, acho que Deus ni ajuda muito porque, a dificuldade é grande e assim mesmo eu vê... tô enfrentando. Porque tô enfrentando essa dificuldade até qui, até qui. Sé sinto de não poder ajudar meu marido, porque meu marido sabe como é que é, a dificuldade dele é muita. O trabalho dele é grande e eu num posso ir sé num posso ir pra roça trabalhar, sé sinto muito de sé ele ganhar pra dar sustento a tanta filia. É essa a dificuldade dele, da falta de ~~de~~ da alimentação qui tá difícil. Aí é qui a gente tá pensando como vai responder _____, um chefe de família assim, ^{ele tá} nem ele mesmo ganha.

L - Oito ôme. Então pra ela pesa muito ^{que} pra ela pra esses filhas todas, apesar qui tem eles qui ajuda, ajuda o pai, ajuda a mãe e assim a gente vai continuando o trabalho, a vida, a luta, a dificuldade do sertão, o calor do sol, a frieza da chuva e a gente tem fé em Deus qui um dia, é de ser feliz.

(ESPASO)
GS - Perde a esperança?

L - Não renher. Cria mais animação. Tem alegria. Deus tá com a gente. É um trabalho muito importante e a gente consegue a continuar e trabalhar cada dia mais forte, com os companheiros, tanto daqui da Lagoa do Saço como de

Monte Santo, cume de companheiros de outras cidades.

(espaço)

L - A gente convidava dez ou dezes ôme pra fazê um, um charavum bataião, etras charavum adjunte, agora passô a mutirão acabê-se esses nome qui tinham, agora é mutirão.

L - É antigamente, antigamente os bataião, conferas a gente falava, se ajuntava bibia muita cachaça, hoje é diferente, hoje é diferente, a gente trabalhava tude contente, cada qual leva a sua beinha fria, sua cabacinha ^{de} água e a gente, Ca gente vence e dia assim tranquile assim, tede mundo ^S satisfeito assim, queimando mate, é limpando, é fazendo valada, é fazendo cerca e assim tede serviço néis infrenta.

GS- Tede mundo aqui tem o seu pedaço de terra, não?

L - Tode tem, um é mais do qui o etre, e etre é menos, mas sempre tem.

L - Eu mesmo comprei esse terreno aqui, e já tô, vai fazê... já fez um ano e comprei e arame pra cercá a roça e tô trabalhando, ainda num gastei nada pra cercá a roça assim de mutirão, assim conferas a gente tá aqui agora, trabalho muito importante, trabalho assim de comunidade é uma ajudando os etres.

L - Serviço, serviço de comunidade, eles mesmo já trabalhare, já fisero uma casinha pra mim, porque eu sô uma pessoa muito fraca, então num tinha condições de fazê casa, entences eles se ajuntare e grupo ^{edivoupiã mode} fizere a casa. ^{ajuntare} Qué dizê qui eu tava no meio do mundo, a tóa, entences eles se ajuntare e fizero essa casa. ~~XXXXXXXX~~ Graças a Deus hoje eu tô dentro da minha casa, arranchado. Tem muita gente assim, entence é assim a gente sempre vai fazene algum mutirão.

L - Assim per diante, qué dizê qui espera qui o pove vá si entendene, nó? Qui o pove vá se contrelane, cume é qui deve sê a vida, não é?

(espaço)

L - Qué dizê, a gente sente muito pelo rapaz qui tava pertenceno se nesse grupo, tava trabalhando em mutirão com a gente nas comunidades, ele não andava armado, esse que berreu, ele num andava armado, num tinha armar

3

ninhuma, o trabalho qui ele tava fazendo era o evangelho, era as comunidades,
lutano pelos seus direitos.

CANTO:

A barca virô

deixa virá

bis

nós sôme agricultô

e aprendemos a lutá

Nós tamu nessa luta

lutando com muita fé

nós estamos preparado

para
prá o que dé e vié

A barca virô

deixa virá

bis

nós sôme agricultô

e aprendemos a lutá

Nós tamu nessa luta

lutano com muito amê

que quem manda lutá

foi o nosso Salvadó

A barca virô

deixa virá

bis

nós sôme agricultô

e aprendemos a lutá

Se seu irmão tivé com fome

ocê vem traz a comida

porque a recompensa

Deus lhe dá na ôtra vida

A barca virô

deixa virá

bis

nós semo agricultô

e aprendemos a lutá

L - O nesse problema aqui é falta de terra qui néis não temos pra trabalhá. O problema é qui o grilêre tomô até uma roça qui eu tinha. Uma roça qui eu tinha num lugá bom, o grilêre chegô e tomô. Antão eu arrumei uma capeeira para trabalhá, antence eu tenho dez filho e essa terra já tá tão cansada qui nem chuve no num tá dane mais produto.

L - O pessoal aqui vive da agricultura, então tá com cinco ano qui a gente ^{de récolte} teve safra, de roça, não se teve mais nada. Então esse pessoal tá ganhano quinze mil cruzeiro que não dá pra nada, não dá nem pra e café. Esse pessoal tá sustentado, eu não sei nem em que esse pessoal tá viveno ainda, mas tá tede mundo deente, tá tede mundo passano fome sem recourse, qui não tem recourse. Tá faltando água, a gente se desloca daqui é, com uma distância de, talvez assim, uma légua mais ou menos, prá pegá água, quando chega lá a gente vai pra fila esperá qui aquele pessaal qui tá lá discoupe pra podê a gente encestá, quando a gente chega em casa já num tem mais água, daquela qui a gente deixô de dia de enti. Então a situação daqui é terrive, é lamentavi.

(espaço)

GS - E qual é a serventia dessa água?

L - Pra bebê, pra bebê. Num tem ôtra né? Pra bebê, pra... tude, pra tude de casa. É pra lavá. É o jeito né?

GS - E aí xãe tá dando a impressãe que essa água daqui tá acabando já?

L - Tá. Tá acabando.

GS - E aí? Se acabá aqui ende é que veces vão pegá a água pra distribuir pro povo?

L - Tãe falano qui tem qui cavá etre peço aí, né? Ninguém sabe cume é qui vai sê.

L - Abaixo desse aqui, né?

L - É

L - Ao lado de lá desse aqui. Tem qui, esse aqui, vamo dizê qui esse aqui deu

na pedra, aí então, a gente vai té qui falá cum o prefeito pra renová-lo
pra o lado de lá, pra vê se então se consegue a dá mais água qui esse
vers lá-bas
aqui.

(espaço)

L - Aqui era o engenheiro. Aí era a Casa da Fazenda, era aqui que o povo trabalhava
pra, trabalhava pra o patrão de graça. Sé pra pudê plantá um pouco da
terra, porque não era a terra toda também. Eles tem muita mata aí tratada
que eles não consentia. É então...

GS - Isso foi até que ano?

L - Isso foi até 75.

GS - E o que aconteceu em 75?

L - Então em 75 é o seguinte, o patrão morreu ^e veio vinte e tantas herdeiros
pra aqui, vinte e cinco mais ou menos, então começaram a tomar a terra do
povo, quando o povo trabalhava em algumas áreas e querendo cercá e, néis,
insatisfeito cum essa situação, então começaram a fazê o levantamento das
peças de que néis tinha, de que néis tratava, sendo néis vindia, e que
era que, como sobrevivia aqui dentro e começaram a fazê documentos e enviá
pra o presidente da República...

GS - Quantos posseiros, quantas famílias viviam nessa situação aqui?

L - Quatrocentos e vinte família, quando néis começaram. Então começaram
fazê documento e enviá pras autoridades, pra o Governadê de estado, teve
audiência cum o Governadê de estado, teve, enviaram documento pra o
presidente da República e começaram pedi a desapropriação. E chegou um
pente qui quando foi esse ano trazado, há dois anos, no fim, então saiu o
decreto da desapropriação. Então néis fizemos ôtra movimentação junto cum
o povo esperamos a chegada de Figueiredo qui vinha a Campina Grande, e
presidente da República e fizemos uma manifestação c'uma faixa e um
documento pedindo a ele qui o INCRA se emitisse na posse. O INCRA se
emitiu, mas quando chegou aqui, chegou com muitas posições. Querendo
tirar a parte do gente, a parte que tinha depois de sessenta anos, que-
rendo lotear a terra em vinte e cinco hectare de terra pra cada pessoa
e néis não aceitava por que tinha, eles tinha que respeitá como néis
vivia aqui anteriormente, num sabe? Como era. 420 família, 2300 hectare
de terra, a previsão de crescer mais família, porque tavam casando gente e

6
merande no novo local, né? Então nós levamos uma grande discussão com a
IBRA, pra que ele tabelasse a terra, dividisse a terra, que desse
aproximadamente, nem que fosse de um hectare, agora que desse para o
pevo ficá, nerá. E isso vem si cumprino, até hoje.

GS - E hoje então todas as 420 famílias e mais, residem nessa terra?

L - Residem, hoje nós temos um ^{assim} cálculo de 600 família, já, porque foi
merande, foi casando e foi merande na terra dos pais e assim...

(espaço)

L - Eu nasci e me criei aqui, nessa terra. Nunca me mudei daqui, dessa
propriedade. Minha idade é cinquenta e... Sessenta e... Eu tenho 68
ano, é.

GS - E como é que foi? Então desde mais de 50 anos e senher está aqui
trabalhando nessa terra. Agora qual é? Como é que o senher teve a posse,
a propriedade da terra? O senher participou da luta de pevo todo?

L - Participei, sim.

GS - E, né?

L - Começou, e eu entrei na luta também.

GS - E?

L - É.

GS - E como é que foi? Teve medo?

L - Fiquei meio assustado.

GS - E?

L - É.

GS - Porque?

L - Porque o maior sempre pede ^{de} mais ^{que} e menor, né? Mas depois o menor ^{pode}
também pede. Passou e mede, aí nós continuamos. É. Infrentamos e tamo
na terra merande. E daqui nós só sai quando terminá e... e final da
vida, né?

CANTO:

Pouca a pouca o tempo vai passando

A gente espera a libertação

Se a gente luta ela vai chegando

Se a gente para ela não chega não

bin

Nessa alegria é a gente vê que um dia
Tudo esse povo se libertará
Pois Jesus Cristo é o senhor do mundo
Nessa esperança se realizará

CANTO:

Eu quero vê, eu quero vê, eu quero vê

Eu quero vê quem é qui vai fazê

Eu quero vê se você não se mexe

Eu quero vê quem se mexe por você

bis

L - Abaixo de Deus é nós se organizando, e nós trabalhando em comunidade.

Nós começamos a lutar pelas coisas, em mutirão, limpamos terra juntas,
e depois, lutamos, plantamos quando Deus mandou a chuva, agora nós come-
çamos lutar, limpamos tanque, construímos casa de farinha e agora
começamos a lutar pelo nosso sindicato, não só a minha comunidade,
que dizê, onde eu habito, que somos muito pessoas, não minha só qui eu
quero falar, eu qui sô é dono, todos nós, com as comunidades vizinhas,
tem umas 10 comunidades vizinhas, quando a gente falava de sindicato,
eles diziam qui sindicato era uma lei comunista, era uma lei pra afligi
a gente, era uma lei qui queria dominar a gente, então eles já tão vendo
qui é o quê, é o órgão qui nós temos pra defendê a nossa classe
trabalhadora, abaixo de Deus, e nosso Sindicato. Então tá se organizando
para que você se nós vence com fé em Jesus, essa experiência de amanhã
nós sô, nós recebê e nosso, e nosso direito que é nosso, mas esperamos
em Deus qui isso acontecerá, com a luta de Deus e dos irmãos nós seremos
vitoriosos, não é?

Merina - Eu amo papai e mamãe

E todos os meus irmãos

Eu me sinto muito feliz

Com a nossa união

Eu sei qui a cunhidade
É u caminhe da salvação

CANTO:

Mas qui eu sou um véie cirandeiro
Vive sofrendo igual um paixe no mar

Eu sô um bonece de leiça
Inté as meça quiria me beijá

(espaço)

L - Num tá chuvendo, faltano ^a cucuáda, num é? Num tem nada, tem qui trabalhá
pra arranjá e pãe, si num trabalhá merre di fose, tem qui si rebelá,
Uns pra São Paule, eutres pra Sarvadê, etres fica aqui no projete
trabalhane, arranjan pãe e assim vai passane e tempe, envervendo nesse
trabalhe.

GS - Quer dizer que o trabalho da reça, não existe mais nada? Não pode
trabalhá na reça nesse tempe?

L - Pode não. sé numa desmenda, é numa desmenda sé, e etro silviçu não se
pode fazê que num, num se planta e feijão que é a planta daqui, é a
lavoura daqui, é o mie, o feijão, a mandioca, _____
num se pode trabaiá.

GS - O senhor trabalha na reça?

L - Trabaie sim senhô.

GS - E deixou de trabalhar, pra vir trabalhar aqui na frente.

L - Tê deixando porque a reça tá parada qui num cheve, tá tude parade, tude.
A terra seca, num dá produte nenhum.

GS - E a quante tempe que não cheve aqui na região?

L - Já tem mais eu meses, já quante?

L2 - 10 meses

L - Uns 10 meses ~~é~~ mais eu meses.

GS - Dez meses que não dá uma chuva que permita plantar?

L - Sim pra prantá, fazê o prantie da reça. Prantá mandioca, o feijão, o mie,
e mamenha, num dá...

GS - E tá ganhando quante aqui na frente?

9

L - Aqui é quinze mil e trezentos por mês.

GS - E dá pra quê esse dinheiro?

L - Dá pra comprar (risada). Matando a fome por metade. Passando a vida do jeito que tem pra fazer... Quê se há de fazer?

L3 - Vida de burro. Diga logo. Vida de urubu é que passa um ano, depois sem cumê, num merre por que oê sabe, que depois fica... terná a renová...

^{Tá ganhando quinze mil reais,}
L - ^{Tá ganhando} Quinze mil por mes num tem condiçõe de néis pagá e pão de cada dia não.

Num tem condiçõe não. Senhõ diga: Ah! ^{da} Quinze mil! ^{potens} Pra eu comprar de tudo.

~~XXX~~

L2 - Compra até ^a água...

L - Até ^a água tá fartando, até hoje tá sem sabê onde vamõ arranjar ^a água. Hoje, ^{agora} tá fartando água mesmo.

GS - E aí? Como é que vai sêr?

L3 - Bebe água salgada.

L - Ih! caçamba, até entem veie um carrinho d'água aqui, tamu bebendo essa aguinha qui veie aqui, agora tamu esperande pra vê quando é qui vem etre, sem sabê qui dia qui vem.

GS - E qual é o jeito? Que jeito tem?

L - O jeito qui tem é baixá a cabeça.

GS - E? Será que é isso mesmo?

L - Cumu é qui néis vamõ numa situaçõe dessa?

GS - Eu não sei, eu esteu perguntande.

L - Peis. Não tem future não. O future é, quem pede se virá, se vire, qui não qui fique esperande pelas ordens de Deus.

(espaço)

GS - Esperande Deus dar a soluçõe é?

L - É. Meierà e teppe, pra gente prantá alguma coisa, pra vê se tem alguma coisa da reça, e assim vaze atravessande devagarinho. Uns tá pensande até em tirar até bré (risada). Cumê raiz de pau. A coisa é séria, a coisa tá um pouco dura, nessa Bahia aqui tá um pouco ruim.

(espaço)

L - Cumpanheiro, trabalhadores rurais, qui estão cencentradés nesta praça. Nês estames aqui pra exigir um salário justo para os trabalhadores qui estão alistados nas frentes de emergência e não querezes esnala cumpanhere.

Perque se considerasse quinze mir e trezentos cruzeiros como seja um
salário e sim uma esmola, e não quereres é um salário companheiros.

Na constituição diz e seguinte, qui todo trabalhador para vivê em condições
normais tem que ganhar um salário, nunca pode ganhar menos de um salário.
E agora eu pergunte a voces, ganhando quinze mir e trezentos cruzeiros
está ganhando um salário companheiro?

Não!

Eu considere isso ^{uma} esmola, isso é descasa das autoridades.

1a - A emergência é alistada de cada cinco pessoas di uma casa, uma pessoa.
Minha gente pra que dá cinco pessoas custa durante um mês cinco mil,...
quinze mir e trezentos? É um salário...

Dá nada.

É pra passá fome. Olhe, lá em Iguaraçú no dia de féra, são dois médicos
atendendo na casa de saúde, não dá pra atendê a meta de de pessoal, num
é doença não. A máie doença é fome. Eu mesmo, sô uma prebre mãe de
família, só tenho um filhe, sô alistada e minhas mães são caledada
dessa maneira, isso não é ^{de} pra coisa não é e cabe da chibanca, pra
ganhá quinze mir e trezentos. Não dá pra mim e um filhe passá e quem
tem cinco, seis filhe, como é qui passa? O que eu tenho pra dizê de lá.
Uma garrix gata de leite práa criança ninguém tem não. Perque as.,....
Perque ninguém tem de que tirá. Que os bichinho tá merrendo de fome e
sede e as crianças tem qui passá fome, num é doença não, é fome.

I - Ai não, que vai tirá ^{mais uma} essa beirada aqui, é. É só essa catingueira aqui.

CS - Per ende é Lelo?

I - É per aqui é. Tem que tirá essa beirada aqui é. Entrabo muito ai pra
dentro. Não, essa ai não, só per aqui, é.

CS - Como é que faz pra acertar? Como é que vai fazer pra acertar?

I - Isso ai vai ficá ai, vamu tiré mais a beirada aqui.

CANTO DOS INDIOS:

É na feia da jurema que o vento vai levando

GS
É na feia da jurema que o vento vai levande
Vai levande, vai levande
E os cabece acumpahande
Vai levande, vai levande
E os cabece acumpahande
Vai levande, vai levande
E os cabece acumpahande

BIS (vezes)

I - É aqui nesse pente. Aqui foi onde assassinaram o meu pai. Porque ele era cacique e lutava pela direita da terra e da comunidade, aí os não índie não gostaram e planejaram e tiraram a vida dele aqui. Ele ia andando pra reça e mataram ele de espingarda de cartucho.

GS - Sabe-se quem foi?

I - Sabe. É um pezeire daqui mesmo.

GS - Foi tomada alguma providência?

I - Até agora nenhuma. Foi ni 79 mas até agora num teve providência nenhuma. Inclusive até eu sô muito ameaçado. Ele morreu, agora o cacique meu eu, sô muito ameaçado, mas ninguém pode fazê nada.

GS - Ameaçado por quem? Porquê?

I - Pelos mesmo pezeire. Sempre falam de matá também, mas é o jeito é assim mesmo.

GS - Assim mesmo como?

I - De jeito que tá, que jeito é qui pede fazê? Si num tem justiça que qui vai fazê?

GS - E você se amedrentou por causa disse?

I - Não, num tenho medo não. Se tivesse medo já tinha enterrado vivo.

GS - E a demarcação das terras que vocês fizeram?

I - Bem, tá aí demarcado.

GS - Vocês resolveram demarcar por que?

I - É por conta própria. Porque já qui o governo não interessa. Aí nós qui precisa, demarquemo.

12

GS - É agora que a terra está demarcada? O que que você acha que vai ser a próxima medida do governo? Eles vão reconhecer a demarcação e vão dar os títulos definitivos para os Pankararés?

I - E isso promete, mas ainda não sei como é que vai ficar não. As promessas nunca deixa de ^{nunca} ser não, mas resolver ^{resolver} a promessa é que é difícil. Fosse coisa da gente resolver, a gente resolveria também.

GS - Isso foi uma decisão de todas vezes, uma decisão coletiva de toda comunidade, não foi?

Todos - Foi. A comunidade toda.

I2 - A comunidade achou que estava temendo prejuízo da área, que a terra estava invadida na madeira e então ^{a gente} é quem estava temendo prejuízo, e arreservou demarcá.

I3 - Eu acho que não tem terra ruim. Toda terra é boa. Porque a terra mais fraca que nós tem ~~ah~~ pra nós queimá junto, dá e

GS - Qual é o plano agora para utilizar as terras?

I2 - O plano é fazer novas roças e quando quiser tirar madeira tem onde tirar e fazer alguma caçada e usar pra que a gente precisa.

(PRAIA)

GS - Seu Pedro de onde o senhor é?

P - Sou de Juazeiros de Norte.

GS - E o senhor tá vindo de onde?

P - De Messeré.

GS - Que é que o senhor foi fazer em Messeré?

P - Foi trabalhá.

GS - Trabalhar em quê?

P - Na Cessal...

GS - Isso, o que é que é isso?

P - É sal, salina, é armazém, pega peso. Aí não pude pega o peso, sabe? Aí o ômi disse que eu não podia trabalhá.

GSx - Porque?

P - Por causa que só tenho um pulmão. Só tenho o direito, e esquerdo tá isclado. E agora vê distine a Fortaleza que lá minha esposa tem um primo lá e ele vai vê se dá passagem pra gente voltá pra o Juazeiro de novo.

GS - E o senhor fazia o quê lá?

P - Trabalho de sapateiro.

GS - Sapateiro?

P - É sim senhô.

GS - O senhor tinha profissão de sapateiro no Juazeiro.

P - Tinha sim senhô.

GS - E agora voltando pra lá e que é que o senhor vai fazer?

P - Não vê fazê nada não, vê pedi, medi eu cuzê né? Porque não posso trabalhá e jeito é eu pedi.

GS - Pedí como?

P - Peedi um auxílio, uma escola né? Pra eu pudê vivê né?

GS - Per que num tem trabalho?

P - É porque não tem trabalho né? E mesmo eu não posso trabalhar, não posso enfrentá.

GS - Não pede porquê?

P - Porque medi a operação

GS - Que operação foi que o senhor fez?

P - Pulmão.

GS - Deixa eu ver. É a aposentadoria?

P - Eles disse que eu sê neve, não pense no aposentá, 38 ano, já polejei já e a carta quando vem, vem em branco.

GS - Agora o senhor está indo a pé de Messeré pra Fortaleza?

P - Se eu achá quem me leve, eu vô, se eu não achá...

GS - Se não, em quante tempo o senhor acha que o senhor vai chegar lá?

P - ~~XXXXX~~ Tô achando que vai dá uma base de uns 8 dia eu 10, né? Se andá muito né?

GS - 8 eu 10 dias né?

P - É porque diz que daqui lá é 250 km daí de Messeré pra lá, né?

Acho que é pra isso mesmo.

(espaço)

L - Vim do interior, de Arara.

GS - De Arara?

L - De Arara.

GS - O senhor tá vindo porque?

L - Eu tô vindo porque o negócio tá meio ruim pra lá. Num tem inverno, num tem nada.

GS - E?

L - É Tá querendo legume, abateu-se tudo lá.

GS - O senhor trabalhava em que lá?

L - Na agricultura.

GS - Na agricultura?

L - É. Mas não tá dando não.

GS - E o que é que pensa fazer aqui?

L - Vê se a gente trabalha aqui nas firma.

GS - É, né?

L - É.

GS - Obrigade.

L - Nada.

GS - Tá vindo porque?

L - Por causa da fome que tá havendo lá, né?

GS - E? A fome tá grande?

L - Tá.

GS - O senhor trabalhava em que lá?

L - Agricultura.

GS - Agricultura?

L - Sim, senhô.

GS - E não estava dando mais pra trabalhar não?

L - Não, senhô.

ES - E o que que o senhor pensa em fazer aqui?

L - A gente faz, faturá alguma coisa, pedí, né? Porque outra coisa num...

Trabalhe ninguém quê, né?

GS - Lá não tava dando mesmo?

L - Não senhô. O que néis plantava já morreu, lagarte comeu.

GS - O que plantou já morreu tudo?

L - É. Lagarte comeu e o resto morreu.

L - Fome! É, tá ruim meu fio.

GS - Tá ruim lá?

L - É

GS - O pessoal tá sem trabalho lá, é?

L - É meu fio, a coisa tá ruim meu fio, vão certar até aquele negócio de balsão. Eu tenho meus documentos, tenho meu registro, tenho a minha identidade,

GS - Aí veio pra cá pra Fortaleza?

L - É meu fio.

La - Nêis vem de Crateus.

GS - Crateus?

La - Crateus, sim senhô.

GS - Saíram enton?

La - Saímo enti.

GS - E estão vindo porque?

La - Médi a seca, médi a fome. Nêis trabalhava, lavava uma rêpa, engonava uma rêpa. Num tinha trabalho de rêpa, mas nêis trabalhava, agera esse menino tava empregado no balsão. Aí saí vim cuidá, sinão eu morria de precisão, era o jeito. Aqui veio caçá um empregado pra mim, se eu achá, aí eu vô labutá a vida, se eu ache, imprego pros menino aqui, se Deus quizé.

Peis é se Deus quizé e Nessa Senhora qui nêis vamu tô de, vame inconstá aqui uma pessoa qui tenha aí pra ir na infernã aí pra pedí um trabalho pra mim que eu quero trabalhá e meus menino trabalhá. Senão nêis morre tudo de fome.

GS - Tede mundo trabalhava na rêpa?

La - Tende rêpa nêis vadiava. Tende rêpa os menino vadeia. Agera numtende rêpa eles pede vadeá mas... Nêis sece da rêpa.

GS - É a primeira vez que vem a Fortaleza?

La - Não sinhô. Já temo costume di vir a Fortaleza.

GS - Toda vez que aperta lá vem pra cá?

La - É o jeito. Escapá na Fortaleza qué a terra morre de pobre trabalhá, qué

a terra das pedras escapá é Fertaleza. Rapaz Crateus tá pá narrê de sede. Independência diz qui já tá merrende é criança de sede. Indenpendença, Riacho Seco, Parambu... Diz qué a seca maiar da vida de mundo. Agera diz qui entí a nuié... uma amiga minha diz que disse pra mim. Ela contande lá pra mim: "Ó cunadre Chiquinha, já merreu uma criancinha de sede no Parambú." Eu digo: "Ó Meu Deus." Diz que é zeco ^{seco} mesmo. Mas quem tea fó em Deus não merre pagaão.

(espaço)

GS - Me diga uma coisa. Vece é daqui de Fertaleza mesmo?

L - Não senhô.

GS - Vece veio de onde?

L - De município de Iraçu.

GS - É?

L - É.

GS - Vece chegou que dia aqui?

L - Cheguei agerinha.

GS - Agerinha é?

L - Fei, faz pouco tempo.

GS - E saiu de lá por que?

L - Sai de lá porque num, lá num tem nada e a gente veio vê se arruma por aqui.

GS - É? E lá trabalhava em quê?

L - Lá me balsão.

GS - Me balsão? Mas antes de balsão trabalhava na roça, não?

L - Era.

GS - Era? Fazendo o quê na roça?

L - Plantando mle, feijão, algodão.

GS - Mas tinha roça própria?

L - Tinha não senhô. Lá onde nós mora num tem não.

L - Tá com 3 dia qui eu tô aqui, pela mane. Ontem nem cumô num cumi. Tô

morte de fome. Uma hora dessa viu?

GS - É?

17

L - Tô sim senhô. Eu e esse rapaz aqui. E vamos já já pro mundo, pro Maranguape vê se arrumam alguma coisinha por lá, qui por aqui ninguém ganha mais nada, né? E pra vertá pra lá também sem levá nada num adianta. Que eu saí de lá pelo meno deixei minha mulé sem nada, minha mulé e dois fies sem nada, sem nada, e e belsãe num dá pra nada, por que e sujeite qui ganha 500 cruzeiros per dia num dá pra escapá cum a família, e senhô vê sabe e que qui é...

GS - Sei.

L - Pois é a gente tá nessa situação.

L - ~~XXXXXXXXXXXX~~ A gente anda per aqui pedinde umas ajuda mas...

pra vê se num merre de fene. Lá não tem condições da gente escapá, não.

L - só tem e belsãe da seca a gente ganha 500 cruzeiro, e quile de

feijão a 1.300 cruzeiros a gente vai no patrão comprar e ele

diz pra gente que a conta da gente tá encerrada
Aí manda e sujeite se virá si num quizé murré de fene.

GS - E o senher tem terra própria?

L - Pra prantá tem sim senhô.

GS - Tem?

L - Tem sim senhô.

GS - Tem terra própria.

L - Sê diz reçada feito pra prantá tem sim senhô. Tá fartande e inverne

pra gente prantá.

GS - Tá faltande e inverne?

L - É sim senhô.

GS - E a semente já tem também?

L - Tem não senhô. As que eu arranjei, dois litre de feijão, dois quile de feijão, dois de milhe, isse eu plantei a lagarta comeu.

GS - Eles tão pagande quante no belsãe da seca?

L - É quinze mir cruzeiro per mês. Sai numa facha de 500 e pouco per dia.

GS - E não tá dande?

L - Não senhô. Perque numa família cum a minha, nós sene treze pessoa é certe qui tem 3 alistrade né? Mas tem 10 pra cumê desse ganhe, né? Pra quem

ganha 45 mil cruzeiro, né? O sujeito faz conta qui num dá, né?

Num dá nem pruma pessa né si alimentá qui dá 13 pessa cumê ganhe de 3. Tem 10 de sobra pra cumê.

(espaço)

La - É já faz 3 dia qui eu tê aqui, embelando per aqui.

GS - Chegeu de ende?

La - Tamberil.

GS - De interior de Ceará?

La - Tamberil, sim senhê

GS - E ceme é que a senhera tá sobrevivende aqui? Que que a senhera tá fazende aqui?

La - Tô pedinde um ^{umas} auxílio ~~vesnela~~ pra cumê.

GS - E a senhera? Quantes dias a senhera tá aqui?

M - Tê cum 3.

GS - Em?

M - Cum 3

GS - E ceme é que está fazende pra viver aqui?

M - Pidinde.

GS - E?

M - E.

GS - E tá censeguinde viver?

M - Tê.

GS - Tá pedinde é?

M - E.

GS - Tá com quantes meninas aqui?

M - Sé cum aquele meu aculá.

GS - Sé?

M - Sé.

GS - E? De que cidade é que vecê veie?

M - Veie de Tamberil.

GS - E veie com quem?

M - Cum aquela véia.

GS - E aí ceme é que vecê tá pensando em peder viver aqui?

M - Hum, assim essas.

Fim